



UNICAMP



Como lidar com os atritos diários de maneira a favorecer o desenvolvimento da autonomia?

Telma Vinha

Faculdade de Educação – Unicamp

- Moral diz respeito aos atos e não sentimentos
- Conflitos interpessoais
 - são ótimas oportunidades para trabalharmos valores e regras
 - dão-nos "pistas" sobre o que as crianças e jovens precisam aprender

- a autorregulação dos afetos e das condutas se desenvolve ao viver situações em que esta autorregulação é necessária
 - na convivência com o outro
 - na constatação das consequências dos atos impulsivos, injustos, desrespeitosos...
 - tomada de consciência das ações
 - na interação com os conflitos (não na contenção)

Ao avaliar as relações entre as crianças, são consideradas **quatro dimensões** que estão presentes no entendimento interpessoal

No momento da interação analisa-se:



Como o
sujeito está
elaborando
cognitivamente
o seu próprio
ponto de vista
em relação ao
do outro



Como ele
percebe o
desequilíbrio
emocional na
interação e
como reage a
esse
desequilíbrio



A motivação
do conflito

Ex. a
preservação do
relacionamento
ou a disputa
por um objeto



O significado
pessoal
atribuído a
uma
estratégia

Características das crianças - desenvolvimento e estratégias –(440 estratégias – Licciardi, 2010)

- aspectos sociais, afetivos e cognitivos

Crianças de 3 a 6 anos

- desequilíbrio causado pelo conflito
- estratégias são momentâneas, impulsivas e irrefletidas - as principais são:
 - intervenção física direta
 - não-interação

- impulsividade – desequilíbrio do conflito – dificuldade na regulação
- ao usar uma estratégia parecer não considerar ou refletir sobre os efeitos psicológicos (sentimentos, motivos) gerados nos envolvidos
 - dificuldades para identificar sentimentos e intenções do outro
- os efeitos psicológicos são identificados quando há dados observáveis (dor – hematoma; lágrimas - tristeza)

profa: “Bruno, não se bate, bater dói. Machucou”

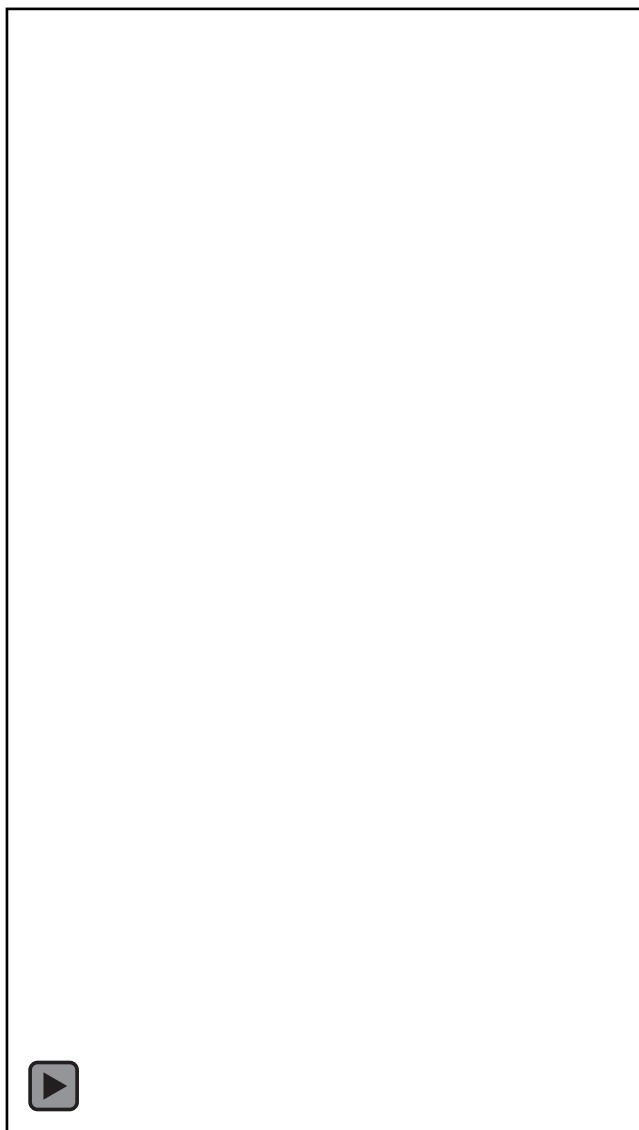
cr: “Mas nem sangrou. Ele nem está chorando”

- o conflito não parece ser uma discordância de perspectivas, seria uma situação em que uma parte não consegue fazer o que deseja (ou agir de certa maneira) devido a alguma ação do outro
- acreditam que se duas pessoas não interagem fisicamente, elas não podem passar por conflito algum
- o conflito “não se conserva”

profa: “...Ele chora chateado e depois volta à brincadeira como se nada tivesse acontecido”

- abandono do conflito...
- dificuldade de representar posteriormente – negam

ex: quando quebra algo do colega: chora - afirma com veemência que não fez, que “foi culpa de quem estava perto” – dificuldade de lidar como responsável pela “dor” psíquica do outro



Com o desenvolvimento...

- os efeitos psicológicos ou subjetivos do conflito nos envolvidos (desconforto, raiva, frustração, etc.) passam a ser tão importantes quanto os efeitos físicos (perder o brinquedo, machucar-se, etc).
- todavia essa compreensão parece aplicar-se apenas a um dos envolvidos - unilateral
- um conflito que é essencialmente sentido por uma parte e causado por outra parte

Ex: “o culpado” foi quem começou; quem retirou o brinquedo/material ou quem agrediu fisicamente, e o outro lado é a vítima.

- reações ainda impulsivas
 - “Ele me bateu primeiro, eu bati também”
 - “Eu falei que era para ele parar, mas ele não parou então eu dei um chute nele”
- a orientação é de transformação do outro
- torna-se capaz de compreender que as pessoas têm desejos diferentes.
- a negociação interpessoal passa a se caracterizar pelo controle do outro.
- os atos justos são aqueles que convergem com os sentimentos da criança, de modo que se alguém não faz o que ela quer, essa pessoa está sendo injusta

- na tentativa de satisfazer seus desejos tenta controlar o comportamento do outro pelo uso do poder, por meio das seguintes estratégias:
 - ameaças ou subornos de poder
 - o cavalo da brincadeira “caiu e morreu” – cr: “não brinco mais! Faz ele viver de novo! Você quer sair da brincadeira?”
 - “se você brincar de caverna eu deixo você ir na minha casa”
 - “se você não me der o balde eu vou te bater, hein?”

- ameaças ou subornos de retirada de afeição:
 - “Eu não vou ser mais seu amigo”
 - “Eu só vou gostar de você, se...”
- apelando para a fonte de poder (adulto)
- tentando convencer o outro de que ela é melhor, mais hábil
- o objetivo de tais estratégias não é modificar o sentimento e desejo do outro, mas modificar seu comportamento
 - empréstimos de brinquedo - “Pede por favor! (...) Agora, por favor minha querida amiga que adoro...”

- Por identificar o efeito psicológico a criança considera que é também importante tentar reduzir os efeitos psicológicos do conflito sofridos por uma das partes (a vítima) – estratégias:
 - fazer com que a outra parte reverta os efeitos da ação que gerou o conflito
 - negar a ação problemática, reprovando, dando comandos ou ordens unilaterais - impositivas
Ex: “Ela vai brincar comigo!” ; “Não gostei, não bata mais”; “Me dá o brinquedo!”; “Saí, eu vou sentar!”; “Isso é meu, me dá agora! Devolve!”

- são estratégias predominantemente verbais visando o controle do outro pelo uso do poder e não pela negociação - não há consideração pelos interesses e desejos deste
 - obediência submissa do outro
- ter uma ação que irá devolver o conforto ou tranquilizar o envolvido que está vivendo o desconforto psicológico gerado pelo conflito
 - os conflitos ocorrem a partir de ações de uma das partes, então as atitudes que levarão a resolução também dependem apenas deste

- não há ainda uma consciência de que o ato de reparar envolve a coordenação do ato (objetividade) com a intenção (subjetividade)
- para a criança o ato de reparação em si é suficiente
 - promessas, desculpas, foi sem querer – aceite incondicional
- ainda não consegue coordenar os sentimentos de um com as ações do outro ou refletir simultaneamente nas ações e sentimentos que ocorrem dentro de cada envolvido (e coordená-las).

Com o desenvolvimento...

- há uma preocupação em modificar não apenas o comportamento do outro, mas também os sentimentos ou interesses deste – argumentação
- a criança reconhece que as partes participam psicologicamente no conflito e assim devem engajar-se ativamente em sua resolução
- a resolução satisfatória requer atender de certa forma a sensibilidade e o julgamento de cada um dos envolvidos - duas partes concordarem
- não mais é preciso estar presente fisicamente
- intenção é valorizada
- conflito ainda “pontual”...

- falta é a compreensão da resolução mútua do problema - o conflito ainda não é visto como se houvesse surgido do próprio relacionamento
- ao contrário, algumas circunstâncias externas ou algum acontecimento é considerado como o ponto da discórdia, assim a forma de resolução é removê-lo

Exemplos de falas:

- “Não entendo qual o seu problema... Você não brigou tanto para a gente viajar? Sabia que eu não gosto de sair de casa, apesar de tudo eu vim e agora você fica aí, emburrada”
- “Vamos resolver no par ou ímpar?”
- “Primeiro você, depois eu e a gente vai trocando”
- “Mas você está arrependido mesmo? De coração?”
- “Está tudo certo, sei que você só falou aquilo da boca para fora”
- “Eu precisava me acalmar um pouco antes de conversar com você senão ia fazer uma besteira”
- “Está bem se você não quer que eu saia com minhas amigas, tudo bem, mas então vamos ao cinema, tá?”

Com o desenvolvimento...

- O conflito numa relação reside dentro do próprio relacionamento
- Não aceitam o “simples relaxamento das tensões”
- Começam a perceber que os conflitos podem ser decorrentes de características de personalidade, sendo necessário mudanças
- O reconhecimento de que conflitos de um certo tipo devem fortalecer um relacionamento ao invés de enfraquecê-lo

- Vem a relação ou amizade verdadeira como uma continuidade no decorrer do tempo, mesmo havendo inúmeras diferenças
- Os conflitos devem ser “resolvidos”, “trabalhados” ou então “dialogados de maneira a esclarecer os aspectos envolvidos”
 - motivo principal do conflito reside na relação entre as pessoas - tal “trabalho” é visto como um comprometimento de ambas as partes - por meio desta mutualidade, a resolução do conflito deve fortalecer a relação
- a própria relação afetiva é vista como uma “fonte de tratamento”, um recurso para a resolução de conflitos entre as pessoas ou amigos íntimos

Motivos mais encontrados

1. Disputa (objeto, pessoas)

- não conserva “propriedade”
- controle do espaço físico

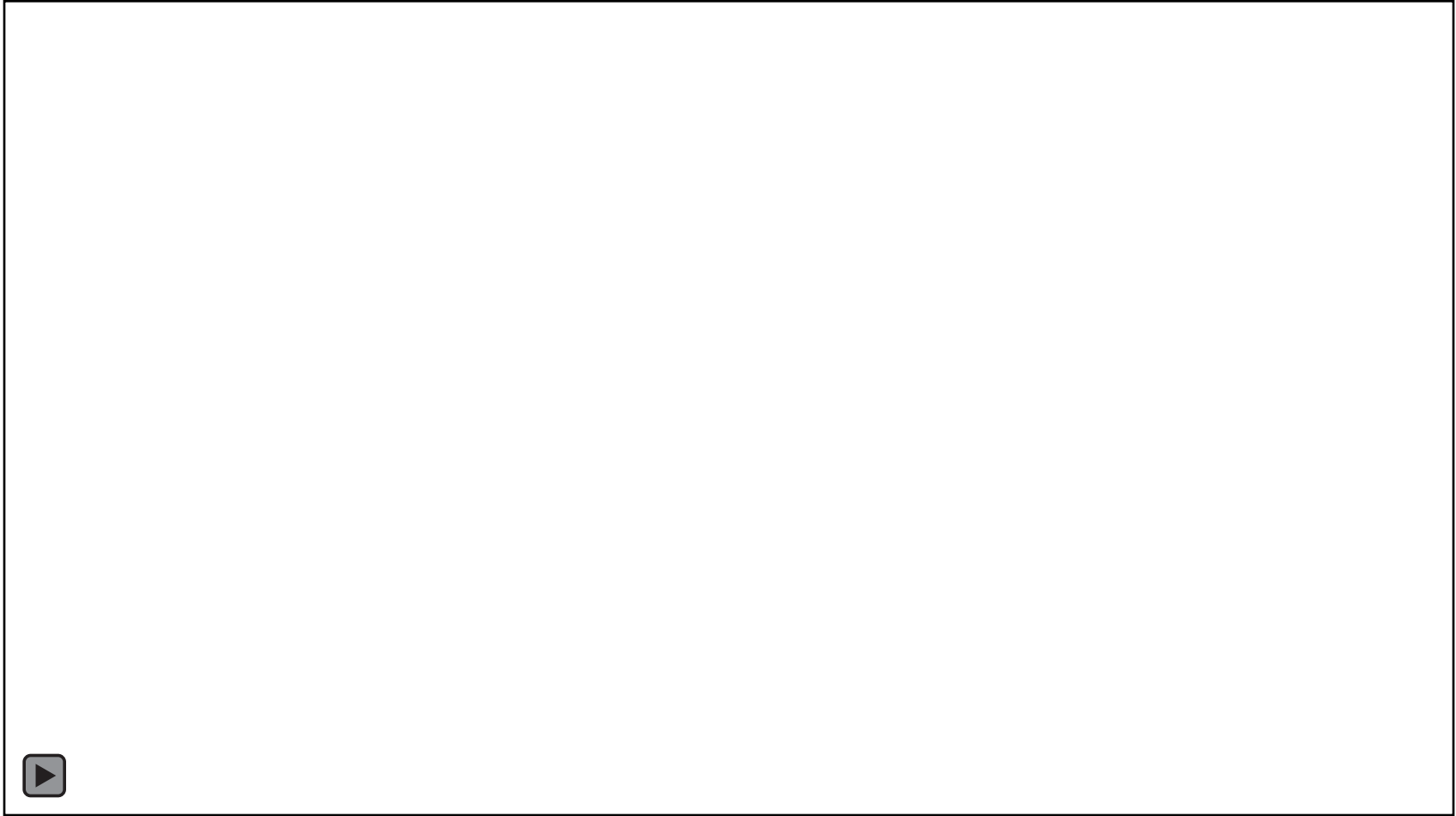
2. Provocação

- controle do outro – espaço social

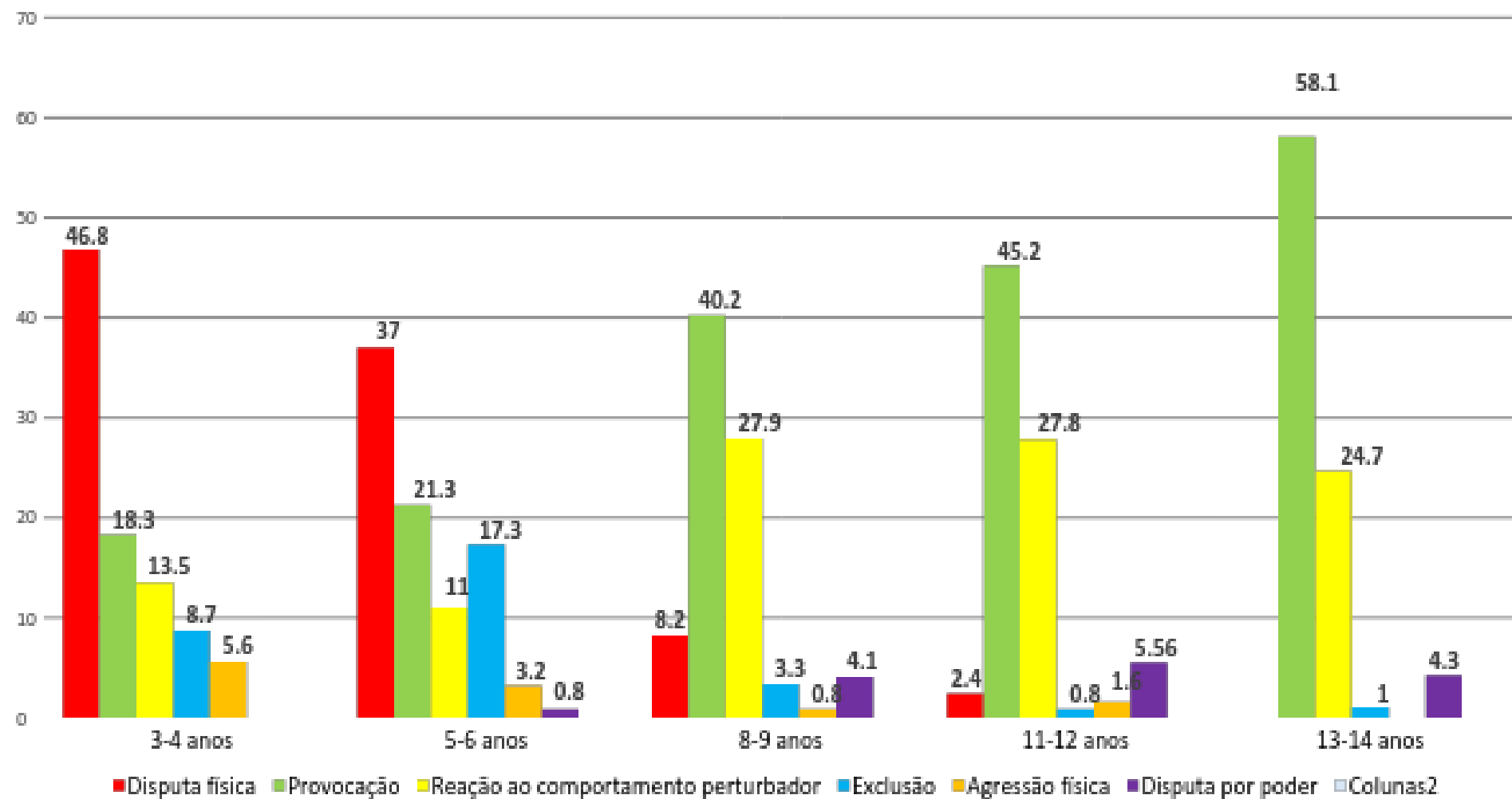
3. Reação ao comportamento perturbador

Disputa





Causas dos conflitos nas cinco faixas etárias



PROVOCAÇÃO.

MARCOS fala alto na sala para que PRISCILA ouça: “Gustavo Lima é horroroso, ruim!” PRISCILA, que é fã do cantor, grita irritada: “Eu vou quebrar todos os seus dentes!” MARCOS, rindo continua: “Nó.... Olha o VINÍCIUS falou que ele é gay!” VINÍCIUS percebe que o amigo fala dele e dá risada. PRISCILA continua brava: “A hora que você perder todos os seus dentes você vai parar de rir, MARCOS”. MARCOS responde: “Pára, eu tô brincando, você sabe, né?” PRISCILA responde brava: “É bom mesmo!” MARCOS olha para os amigos e diz: “Nossa, ela leva a sério...”.

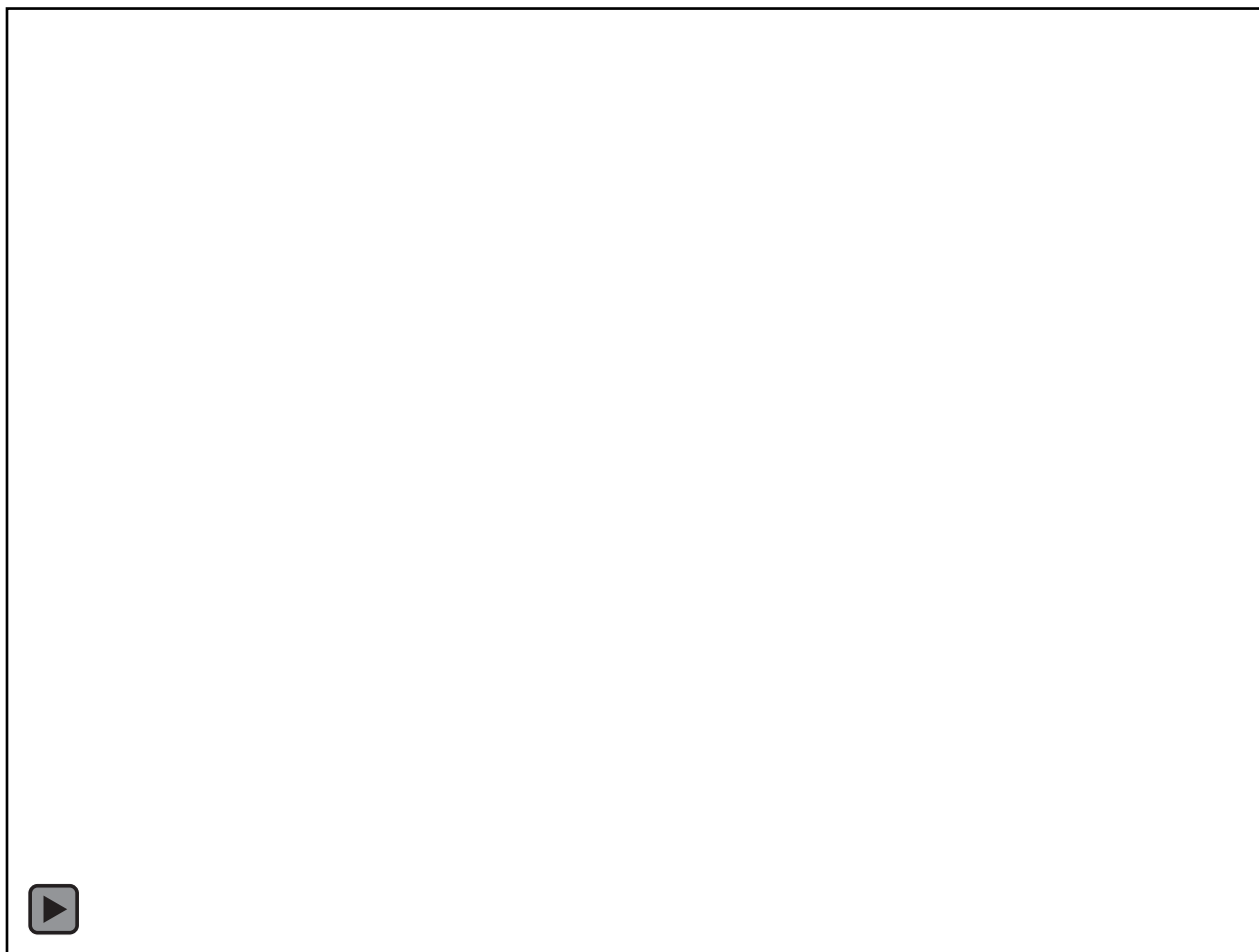
66% das provocações foram intersexuais

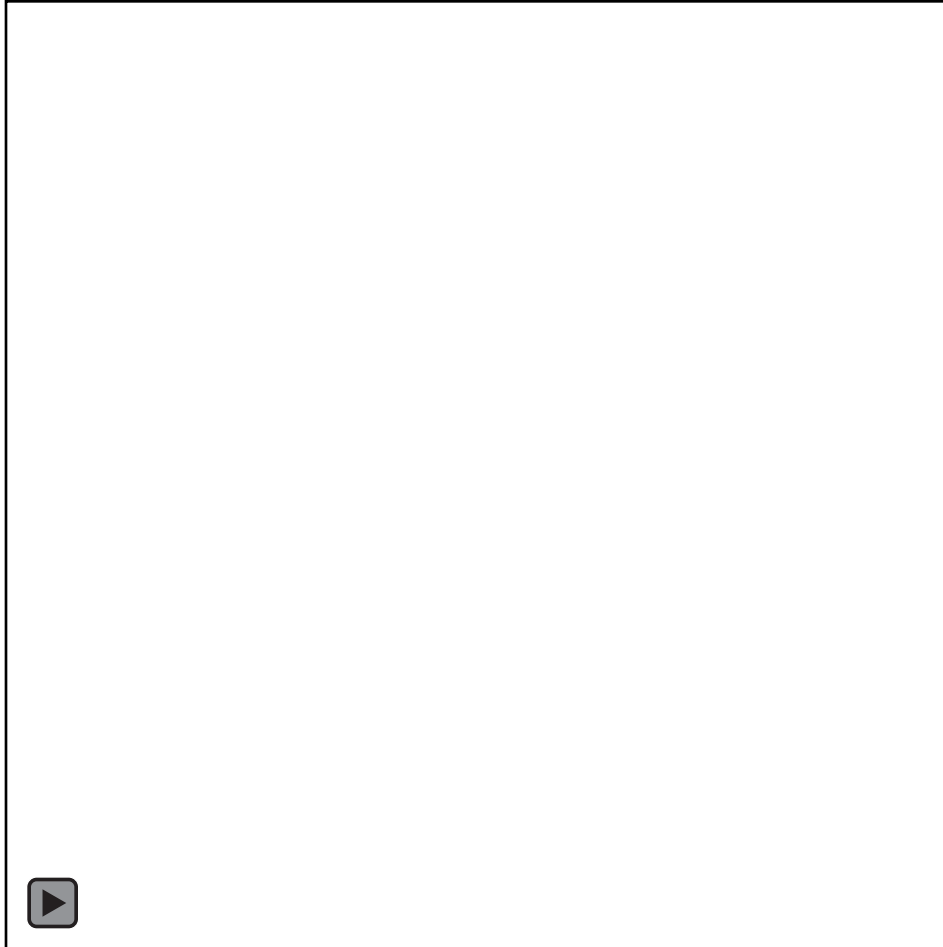
NATALIA e RAFAEL estão sempre juntos. Os alunos da sala dizem que a menina é apaixonada pelo menino, mas que não é correspondida. RAFAEL tira a presilha do cabelo de NATALIA e a prende em seu boné. NATALIA tenta pegar, mas ele não deixa. O menino sai correndo pela sala, e a menina tenta pegá-lo, correndo também. NATALIA segura o menino pelo moletom, mas mesmo assim, ele consegue fugir. Cansada, ela diz: “Vai te catar então!” NATALIA volta a desenhar em sua carteira emburrada. RAFAEL responde sorrindo enquanto devolve a presilha para ela: “Tó NATALIA!” Ela sorri para ele.

REAÇÃO AO COMPORTAMENTO PERTURBADOR

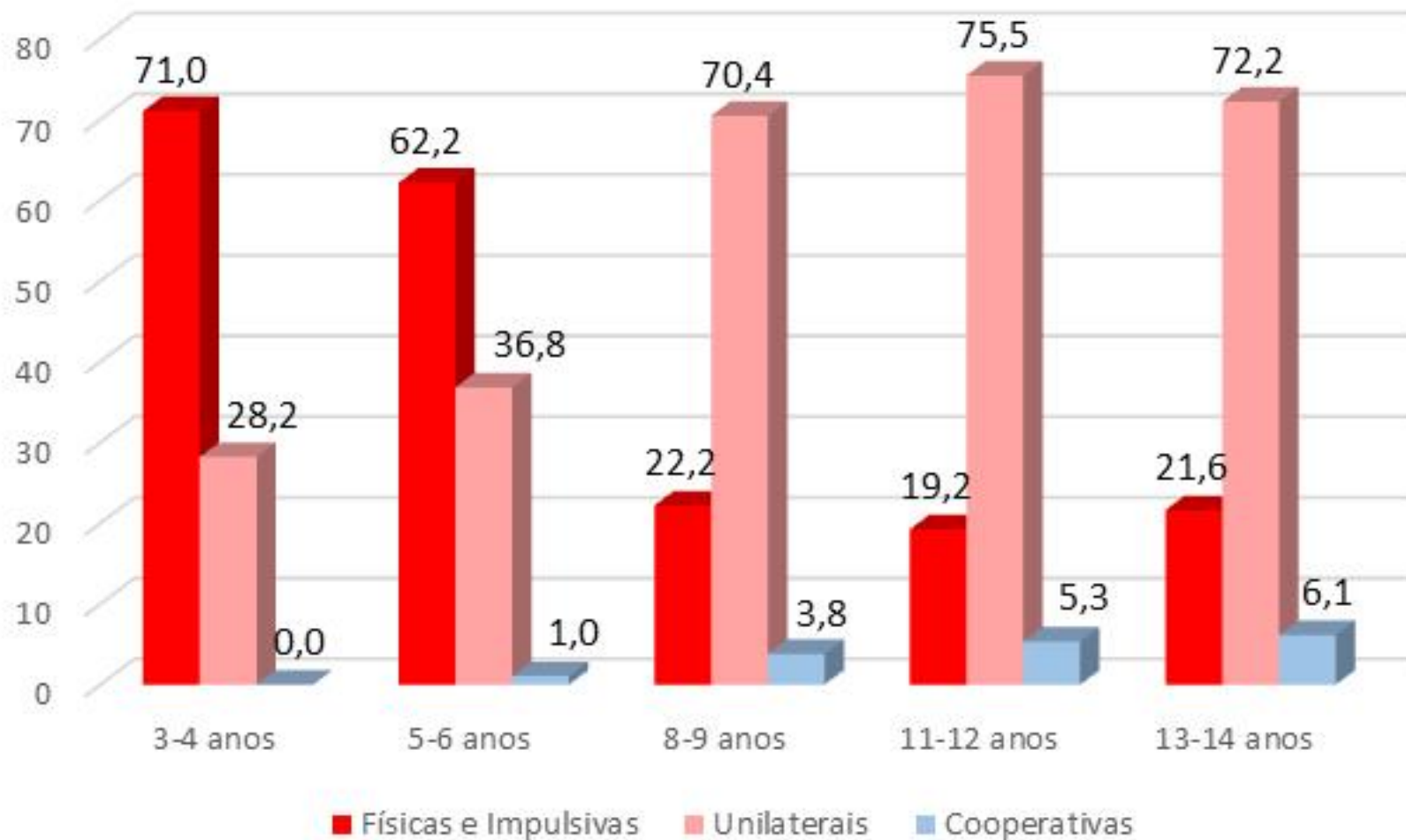
Ao entrarem na sala, MARCOS é empurrado por um menino mais velho de outra sala (estavam brincando). MARCOS acaba empurrando FRANCIANE, que dá um passo a frente. Sem entender o que aconteceu, assustada com a situação, a menina se vira e dá um tapa nas costas do colega. MARCOS respira fundo e volta para seu lugar, parecendo irritado.

Provocação desde pequeno...





Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos entre as cinco faixas etárias



Intervenções em conflitos pelo adulto

- as intervenções ($\frac{1}{4}$ das situações) caracterizavam-se mais como “interrupção” do conflito (e não como mediação)
 - ameaçando, punindo
 - resolvendo rapidamente
 - tentam evitá-los (quartos separados, tablets, celulares...)
 - transferem a autoridade para terceiros
 - “retirada do amor”

- Argumento: “*funcionou*”
- O fato de um comportamento não ser mais apresentado não significa que a criança percebeu as consequências de tal ato ou outras formas mais elaboradas de proceder, pode significar, simplesmente, que está sob controle por temor

Evitar...

- Agir por impulso
- Falar a primeira coisa que vem a cabeça
- Deixar-se dominar pela irritação
- Chantagear e culpabilizar
- Priorizar tudo antes das crianças – trabalho, WhatsApp, e-mails, facebook...
- Negligenciar - é pior que autoritarismo
 - “não olhar” – olhe mesmo errado

- Intervenções pareciam refletir uma resolução pontual e resolver o problema a curto prazo (ficar livre, acalmar)
- Adultos demonstravam baixo limiar a choro, frustração ou insistência
- Diferenciar o que é necessidade de desejo, exigência

- organizar-se para passar mais tempo com os filhos (e com mais qualidade) – demonstrar verdadeira disponibilidade, divertir-se
- toda criança e jovem precisa de um pouco de atenção de vez em quando, mas não de atenção o tempo todo
- haver o nós e não somente programas separados – ter objetivos comuns

Outras considerações:

- “Falta de limites”?
- Regras negociáveis e não negociáveis
- Ter uma boa justificativa - esclarecer a necessidade das normas
- Validar os princípios
- Pelo que vale a pena brigar?

A linguagem descritiva

- Referir-se ao fato e não a pessoa
- Concentrar no problema – não “desviar”
- Não tomar partido/comparar - aumentam as hostilidades
- Opções e confrontos (ameaças)

Orientações

- os conflitos e sua resolução são partes importantes do processo educativo e não apenas problemas a serem administrados
- Reconhecer sentimentos e ajudar a se expressar sem agredir
- “Não sofrer” – naturais e necessários
- não tirar as crianças e jovens dos conflitos que estão envolvidos – não pensar por elas
- aproveitar os conflitos como oportunidades para auxiliá-los a reconhecer os pontos de vista e a aprender, aos poucos, como buscar soluções aceitáveis (justas e respeitadas) para as partes envolvidas.

Intervir:

- Explicitando o problema descritivamente de tal forma que as crianças e jovens possam entender
- ajudá-las a verbalizar seus sentimentos e desejos, promovendo uma interação
- e auxiliá-las a escutar umas as outras, convidando-as para colocar suas sugestões e propor soluções
- não buscar culpados, mas resoluções
- estimular a criança a descrever por si própria seus pontos de vista e sentimentos, favorecendo a coordenação dos mesmos - evitar “falar pela criança”
- ensiná-la a falar a quem é de direito

- Evitar propor uma resolução de imediato
 - o adulto defende o valor do acordo mútuo e dá às crianças a oportunidade para rejeitar as soluções propostas
 - quando surge um impasse e elas não apresentam nenhuma alternativa, oferecer uma sugestão; perguntar às crianças se concordam com a sugestão apresentada, se é justa, se alguém tem outra idéia...
 - auxiliá-las a buscar soluções cooperativas

Obs. Se não está adiantando a intervenção do adulto porque as crianças estão bravas ou com raiva, ele pode pedir que elas se separem até se sentirem mais calmas, podendo escutar e falar.

AUTO-ORIENTAÇÃO

Questões importantes:

- “Como você se sente a respeito?”
- “O que você pode fazer da próxima vez?”
- “Como poderemos resolver esse problema?”
- “Você teria alguma ideia para...?”

